

ROBERTO DAMATTA



SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES
VANESSA BARBARA

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUOM

SÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO AUGUSTO

DOMINGO
VERISSIMO
HUMBERTO WERNECK
FÁBIO PORCHAT

Um soco na onipotência

Todo mundo deve saber que a onipotência é o poder infinito e esmagador de um deus ou de uma figura dotada de capacidades titânicas para o bem ou para o mal.

No Brasil, os onipotentes que chegam ao poder são idolatrados, porque nossa cultura tem como base e modelo a gradação e a hierarquia e ambas têm uma extraordinária afinidade com o puxa-saquismo, com a bajulação, com a hipocrisia e com o bater em cavalo morto. É fácil torcer para o Brasil quando ele é pentacampeão e é mais fácil ainda negá-lo mil vezes, como fez São Pedro com Cristo, quando o Brasil perde de 7 a 1 para a Alemanha. Essa Alemanha que voltou a ocupar o lugar de superior em tudo – disciplina, coerência, treinamento e – quem sabe – a velha pureza racial que nós ainda lamentamos em certas situações.

O passado não discutido com sinceridade volta. Ele é apenas eclipsado.

Começo essa crônica numa bela manhã e domingo e estou irremediavelmente dividido. Um lado meu gostaria que o PT perdesse –

que fosse, para ser arriscadamente franco e para entrar em mais algumas listas negras, defenestrado do poder (mas, note bem, jamais da política brasileira). Um outro, porém, está convencido que Aécio achou o seu papel e o seu tom e vai ganhar num segundo turno. Como essa coluna sai na quarta-feira e o segundo turno vai ocorrer no dia 26, estou sendo moído pela angústia. Angústia que hoje faz parte do meu modo de ser. Não saber o futuro e aceitar o sofrimento é um modo de admitir a minha fragilidade diante da vida. Eu aprendi esse segredo. Por isso, não fujo da minha angústia, mas deixo que ela se manifeste e a recebo no meu coração. Procuo saber o que quer e, quando é possível, tomo um Joãozinho Caminhador com ela o que nos envolve na felicidade dos apaziguados. Dos que têm consciência de que, na vida, é preciso ter a noção do suficiente para sermos relativamente menos infelizes.

Sempre soube que não sabia, mas hoje tenho a mais absoluta certeza disso. Mas o não saber não me eximiu de ter declarado meu voto e ter sido admoestado por algumas pessoas que,

muito mais sábias, me alertavam do risco que corria.

Pois bem. Aécio Neves, com sua tranquilidade batalhou, enfrentou e virou o jogo. Foi o único que, no famoso debate da Globo, falou que todos os candidatos a presidente e, por implicação, a qualquer cargo eletivo – cargos que implicam não em grana e poder, mas em servir ao Brasil – se somavam. Todos os presidenciáveis, disse ele, continuavam projetos e planos que fo-

Todos os resultados pedem mais honestidade e seriedade com o governo da coisa pública

ram inventados e instituídos por seus antecessores. O único partido que negou isso foi o PT, que realizou sistematicamente o discurso Lulista do “nunca antes neste país” – exceto com ele e com o PT e que, no governo Dilma, usa o onipotente “nós” como a chave em todos os seus confusos discursos. O lulismo está convencido (como ocorre com todo radical) que o Brasil e o mundo começam com eles. Aécio

foi o único que falou numa continuidade de projetos como os de distribuição de renda que, em vez de separar, juntam posições do PT com os do governo de PSDB.

Estou seguro de que esta eleição será, com Aécio, a da descoberta da soma e da continuidade. O Brasil, amigos, é muito maior que nós. Ele é um palco que não escolhemos para atuar e viver. A língua que falamos e os lugares onde nascemos e adquirimos consciência de nós mesmos e do mundo não foram inventados por nós. Do mesmo modo e pela mesma lógica de uma implacável finitude que desmancha onipotências, um dia sairemos do Brasil por mais que tenhamos achado que fazíamos todas as diferenças. Alguém se lembra do ministro da saúde do governo Rodrigues Alves? Aliás, leitor culto e educado, você sabe quem foi Rodrigues Alves?

Um mundo em rede exalta individualidades, mas tem um lado oculto. Ele nos obriga a ver como estamos presos uns aos outros e como o discurso orgulhoso e valente do grande, mas iludido século 19 tem que ser modificado. Não basta ser contra banqueiros ou contra o nosso sistema produtivo, colocando-se no velho modelo dos revolucionários. É preciso saber como a rede nos

afeta quando um pedaço dela se modifica. Estar enredado não significa estar enjaulado, mas se conhecer como uma parte menor, embora significativa, de um país e de um planeta. Um todo que segue somente em parte planificado porque o inesperado existe e faz parte – como prova essa eleição – da vida e do cosmos.

Acabo de saber que vai haver um segundo turno e que o Aécio lá chegou. Minha angústia diminuiu de um lado, mas aumentou do outro.

Cabe finalizar que, com essas eleições, iremos controlar os personalismos lulistas de índole malandra e neofascista. Todos os resultados pedem mais honestidade e seriedade com o governo da coisa pública. Tenho a esperança de liquidar com esses donos espúrios de um Brasil que é de todos nós. Esse é o pleito que nocauteou a onipotência e, com ela, a demagogia, a roubalheira, o aparelhamento do estado pelo governo, a corrupção deslavada, os dois pesos duas medidas no plano jurídico e econômico e, por último, mas não por fim, a autoridade absoluta de um partido cujo objetivo era muito mais o de trabalhar para um projeto de poder do que para o poder do Brasil.

Visuais

Antonio Gonçalves Filho

Aberta hoje ao público, a exposição *Pinturas de Onda, Mato e Ruína* reúne 33 óleos do pintor Rodrigo Andrade, cuja obra mais recente é analisada no livro *Resistência da Matéria* (Editora Cobogó, 224 págs., R\$ 140), lançado ontem, na Galeria Millan. O livro, organizado por Tiago Mesquita, crítico e professor de História da Arte, contempla os últimos cinco anos de produção do artista, igualmente analisados pelo crítico Lorenzo Mammi, que acompanha a trajetória de Andrade desde os tempos em que integrava o grupo Casa 7, nos anos 1980.

Embora não seja um retorno à afirmação matéria desses tempos neoexpressionistas, a mostra tem seu foco na materialidade da tinta. Andrade aplicou espessas camadas em telas de diferentes dimensões para confrontar ilusionismo e mundo real. São paisagens que retomam imagens tanto do passado (as marinhas de Whistler) como do presente (as fotografias de ondas de Daido Moriyama e os bosques de Don McCullin).

Nessa revisitação de autores



FOTOS DIVULGAÇÃO

Paisagem recriada

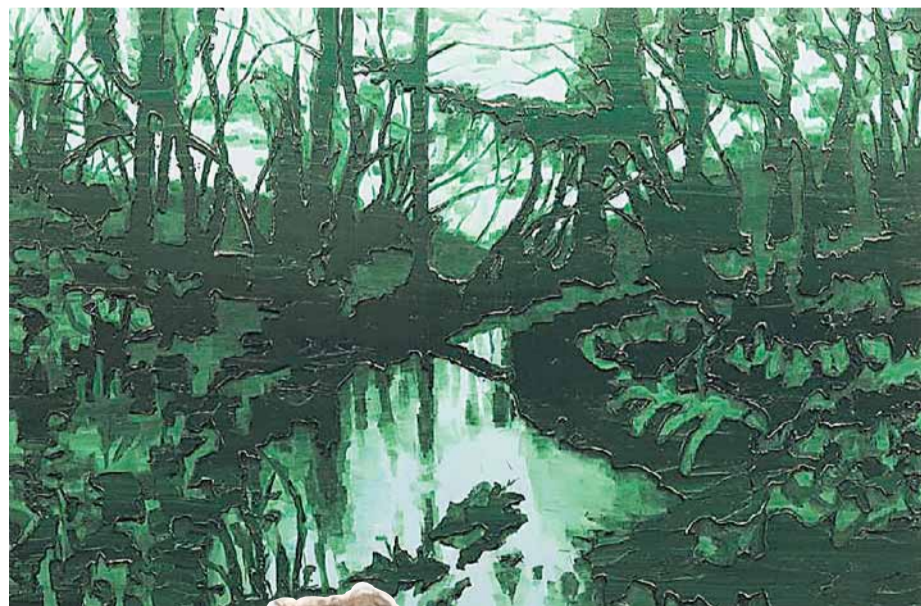
Rodrigo Andrade recorre à história da arte e a fotógrafos em nova série

de vários períodos (de Corot a Andy Warhol, passando por Courbet e Goeldi), Andrade não pretende defender uma tese visual ou criar, como observa o crítico Lorenzo Mammi, um jogo de citações, como na arte pop – e o nome de Andy Warhol surge automaticamente na história. Ao contrário: ondas evocam Moriyama e bosques remetem a McCullin e Courbet, mas conservam o traço subjetivo

nessa obra que, paradoxalmente, busca seu modelo no mundo real visto pelo olhar do outro. Courbet é, segundo Mammi, “uma passagem obrigatória” para a pesquisa que o pintor conduz desde que apresentou, em 2010, na 29ª. Bienal de São Paulo, uma série de óleos com imagens noturnas conhecidos co-

mo “pinturas negras”. Se Courbet pintava o mundo como se desejasse substituí-lo por uma tela, Andrade não chega a tanto, mas não é por acaso que suas telas de grandes formatos têm a ver com o pintor francês, como observa Mammi. “Não há luz nas telas de Courbet, quase não há ar: só pintava o que é sólido.” Até o céu de Courbet, conclui o crítico, “é sempre encoberto por nuvens espessas”.

Na “matéria negra” das pinturas da Bienal, o embate de Andrade com a treva equivale ao do venezuelano Reverón (1889-1954) com a luz dos trópicos. Tiago Mesquita chega a comparar o negrume dessas telas à treva na qual vivem os peixes das fossas abissais, a quilômetros da superfície. É um mun-



Catástrofe. Imagem de um tsunami (acima) e de um bosque de contos de horror (ao lado) na série de pinturas de Rodrigo Andrade

pintor evoca o historiador Hui-zinga para assumir a ilusão como um jogo, não uma tentativa de enganar o olho. “Existe um desejo de resgatar a relação contemplativa com o mundo, como nos tempos dos românticos, mas o embate com a realidade e minha necessidade de ruptura constante me empurram sempre para o movimento”, admite Andrade, que se define como um pintor “ultrafigurativo num meio abstrato”.

O cinema atrai sua atenção – e ele fez paisagens baseadas em filmes de Tarkovski, Kubrick, Hitchcock e Karin Aïnouz –, mas a fotografia e a pintura são ainda as principais referências de Andrade. Na exposição, duas telas verticais pequenas usam como ponto de partida uma foto do alemão August Sander (1876-1964), mais conhecido como retratista, que registra um bosque de árvores secas. Em outro trabalho, ele revisita as ruínas romanas pintadas por Corot numa vista soturna do Palatino. E, para afirmar o caráter gráfico da camada espessa de tinta, Andrade recorre mais uma vez a Goeldi. E revela: a Paragon de Londres o convidou para fazer uma série de gravuras. Ele aceitou.

PINTURAS DE ONDA, MATO E RUÍNA
Galeria Millan. Rua Fradique Coutinho, 1.360, tel. 3031-6007. De 3ª a 6ª, 10 h/19 h; sáb., 11 h/18 h. Grátis. Até 8/11.

“

Trazer a pintura de volta é uma afirmação do atemporal”

Rodrigo Andrade, pintor



ALEX SILVA/ESTADÃO